



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

ANA CAROLINE SOUZA SARAIVA FERREIRA

**CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE OS
TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO**

Brasília – DF

2018

ANA CAROLINE SOUZA SARAIVA FERREIRA

**CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE OS
TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem do curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília do campus Darcy Ribeiro.

Orientadora: Prof^ª Mestra Mariana André Honorato Franzoi

Brasília – DF

2018

ANA CAROLINE SOUZA SARAIVA FERREIRA

CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE OS
TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem do curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília do campus Darcy Ribeiro.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mestra Mariana André Honorato Franzoi
Universidade de Brasília (UnB)
Presidente

Profa. Dra. Claudia Maffini Griboski
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Efetivo

Enfa. Margareth Kalil Sphair
Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal
Membro Efetivo

Profa. Dra. Maria Aparecida Gussi
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Suplente

CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE OS TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO*

Autores:

Ana Caroline Souza Saraiva Ferreira¹

Mariana André Honorato Franzoi¹

¹Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, Departamento de Enfermagem. Brasília, DF – Brasil.

Endereço para correspondência:

Mariana André Honorato Franzoi

e-mail: marifranzoiunb@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Identificar o conhecimento dos estudantes de enfermagem de uma Universidade Pública sobre os transtornos do espectro do autismo. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa realizado com estudantes de graduação em enfermagem do 8º, 9º e 10º semestre do curso de Enfermagem de uma Universidade Pública da Região Centro-Oeste. Os dados foram coletados por meio de questionário autoaplicável no período de novembro e dezembro de 2017, e, posteriormente submetidos à análise estatística de cunho descritivo. **Resultados:** Os resultados desta pesquisa apontam que os estudantes de enfermagem possuem conhecimento razoável sobre os transtornos autísticos, o qual apresenta fragilidades importantes principalmente em relação a alguns dos sintomas, etiologia e tratamento. Para tal, é relevante implementar algumas estratégias para abordar essa temática ainda na graduação como o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), já que os meios de comunicação foram referidos como a principal fonte de conhecimento dos participantes. **Conclusão:** Neste estudo observou-se que os estudantes de enfermagem apresentaram conhecimento razoável a respeito dos transtornos autísticos. É importante abordar os TEA ainda na graduação, levando em consideração sua prevalência e complexidade, para que, assim, os estudantes de enfermagem, futuros profissionais, tenham mais segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências a essa população.

Descritores: Transtornos Autísticos; Estudantes de Enfermagem; Conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

Os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) são caracterizados por alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas, no comportamento e na comunicação. Estima-se que 500 mil pessoas no Brasil apresentam estes transtornos.¹ O *Centers for Diseases Control and Prevention* (2012) indica que a prevalência dos transtornos autísticos é de 1 para 88

nascimentos, já dados da Organização Mundial da Saúde (2017) estimam que uma criança em cada 160 crianças possui transtornos autísticos.²

Os TEA são reconhecidos como transtornos relativamente frequentes e comuns na população, porém não foi a epidemia que fez o autismo visível, mas sim a visibilidade do autismo que fez a epidemia.^{3,4}

De fato, os transtornos autísticos têm ganhado maior visibilidade e com isso conquistado uma maior relevância nos últimos anos, seja pela abrangência dos critérios diagnósticos atuais ou mesmo pela disseminação de informações por diferentes esferas da sociedade, principalmente pela mídia e familiares vinculados a movimentos políticos e sociais, que além de ajudar na divulgação de informações, solicitam serviços especializados e apoiam a realização e divulgação de estudos na área da saúde.^{3,2}

Essa maior visibilidade contribuiu para a formulação de políticas públicas e da linha de cuidado a ser prestado por profissionais de saúde capacitados e qualificados, inclusive de enfermeiros, que se encontram à frente do cuidado integral dos usuários de saúde e apresentam probabilidade crescente de encontrarem esses pacientes em ambientes de atenção à saúde.⁵

O enfermeiro como parte da equipe multidisciplinar que atende o usuário com TEA deve ter conhecimento sobre a temática que engloba esse transtorno, uma vez que o mesmo se mantém constantemente próximo ao paciente, além de ser o responsável pelas consultas de avaliação e acompanhamento de crescimento e desenvolvimento infantil nas unidades básicas de saúde e ambulatórios. Dessa forma, espera-se que o enfermeiro identifique as diferentes necessidades por meio de planejamento de cuidado flexível, individualizado, que considere a aplicação de intervenções e tecnologias de enfermagem e de metas possíveis e concretas.⁶

Pesquisas, entretanto, apontam insuficiência de conhecimento entre os profissionais de enfermagem em relação à etiologia, à identificação de sinais e de possibilidades terapêuticas à criança com TEA e à sua família, uma vez que muitos enfermeiros referem receio e insegurança para lidar com crianças com TEA devido à falta de conhecimento, obtido por uma minoria em especializações ou estágios extracurriculares, o que evidencia que nos ambientes acadêmicos de graduação em enfermagem, pouco se estuda sobre o assunto.^{7,8,6}

A limitação de informações e de conhecimento sobre os TEA acarreta em prejuízos, uma vez que além de preconceitos e estigmas presentes na sociedade, onde disseminam-se

informações nem sempre coerentes com a realidade da pessoa com TEA, muitos casos de autismo podem passar despercebidos pelos profissionais de enfermagem, o que pode dificultar a identificação precoce de sinais do autismo e, consequentemente, implicar em intervenções e encaminhamentos tardios.^{9,8}

Espera-se que o enfermeiro esteja apto para atuar como agente educador junto à família por meio de informações e orientações sobre o autismo, acompanhadas de apoio e compreensão perante fragilidades, dificuldades e sofrimentos da família relacionados ao processo diagnóstico e terapêutico, ainda mais diante da percepção evidenciada na literatura de que pessoas com TEA e seus pais têm uma crença de que seus interesses e queixas não serão ouvidos ou reconhecidos pela equipe de enfermagem devido aos desafios de comportamento e comunicação que envolvem o TEA, o que pode atrasar ou causar resistência na procura por serviços de saúde.⁵

Diante disso, faz-se oportuno a realização de pesquisas para identificar o conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os TEA ainda no contexto da graduação de forma a suscitar discussões relacionadas à divulgação desse tema na graduação que contribuam para o desenvolvimento de estratégias que instrumentalizem os estudantes de enfermagem na abordagem e cuidado à pessoa com TEA.

Este estudo teve como objetivo investigar o conhecimento dos estudantes do curso de enfermagem de uma Universidade Pública Brasileira da Região Centro-Oeste em relação à etiologia, sintomatologia e terapêutica da pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo.

2. METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa, e de corte transversal realizada com estudantes do curso de graduação em enfermagem de uma Universidade Pública Brasileira localizada na Região Centro-Oeste, nos meses de novembro a dezembro de 2017.

Para os critérios de inclusão na amostra considerou-se estar devidamente matriculado na Universidade; estar cursando o 8º, 9º ou 10º semestre do curso de Enfermagem, pois o estudante já teria concluído as disciplinas de Cuidado Psicossocial em Saúde, Cuidado da Mulher, Criança e Adolescente, Vivências Integradoras V e Vivências Integradoras VI, disciplinas que abordam conteúdos teóricos e vivência prática na área de saúde mental e da

saúde da criança. Já para os critérios de exclusão consideraram-se estudantes que estivessem afastados e/ou em licença prolongada durante a coleta de dados ou que deixassem uma ou mais questões objetivas do questionário em branco.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, que continha um total de 20 questões objetivas que contemplavam dados de caracterização dos participantes, conhecimento sobre etiologia, sintomatologia e tratamento da pessoa com TEA, além de atitudes dos estudantes frente aos pacientes com TEA e desejo em conhecer mais sobre o assunto. O questionário foi entregue aos estudantes no hall da Faculdade de Saúde, em horário que não fosse durante as disciplinas obrigatórias do curso, em data previamente combinada.

Os questionários foram entregues dentro de envelopes lacrados e foram devolvidos da mesma forma com o objetivo de evitar a identificação do participante. Além do questionário, também foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo informações referentes à pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, o estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, sob número de parecer 2.331.565, CAAE 76409617.0.0000.0030^[1]_{SEP}], e atendeu aos preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.¹⁰

Os dados obtidos foram codificados e tiveram dupla entrada em planilhas Excel versão Microsoft Office 2010. Em seguida, foram submetidos à análise estatística de cunho descritivo (frequência absoluta e percentual).

3. RESULTADOS

As turmas dos três últimos semestres do curso de enfermagem totalizaram um quantitativo de 71 estudantes. Desses, dois estudantes foram excluídos por motivo de licença prolongada, um por recusa em participar da pesquisa e três por deixarem questões objetivas em branco, resultando na amostra final de 65 participantes.

A idade média dos estudantes foi de 23,61 anos com predomínio do sexo feminino, 90,76% (n=59). No total, 26,15% (n=17) cursavam o oitavo semestre, 53,84% (n=35) o nono semestre e 20% (n=13) cursavam o décimo semestre. Verificou-se que 49,23% (n=32) nunca

tiveram contato prévio com pessoas com TEA, enquanto 50,76% (n=33) já tiveram contato, e somente 6,15% (n=4) tinham parentes ou familiares próximos no espectro do autismo.

A principal fonte para aquisição de informações sobre TEA apontada pelos estudantes foram os meios de comunicação com destaque para Internet, 24,24% (n=40), TV, filmes e séries, 21,21% (n=35), e Redes sociais, 19,40% (n=32), conforme disposto na Tabela 1. Os participantes que marcaram a opção “outras fontes” especificaram-nas como sendo disciplinas optativas, família e pessoas conhecidas com o transtorno. Vale ressaltar que o número de marcações difere do número total de participantes, pois tratou-se de uma questão que os participantes poderiam marcar mais de uma opção, totalizando 165 marcações.

TAB. 1 - Distribuição das fontes de informação utilizadas pelos estudantes para adquirir conhecimentos sobre TEA. Brasília/DF, 2018.

Fonte de Informação	(n)	%
Internet	40	24,24
Tv, filmes e séries	35	21,21
Redes sociais	32	19,40
Literatura científica	16	9,70
Jornais e revistas	12	7,28
Atividades extracurriculares	10	6,07
Disciplinas do curso de enfermagem	6	3,64
Outras fontes	4	2,42
Nenhuma fonte	4	2,42
Eventos científicos	3	1,81
Meios de comunicação	3	1,81

Em relação à etiologia dos Transtornos do Espectro do Autismo, 54,41% (n=37) respondeu ser decorrente de comprometimentos “multifatoriais e complexos”, em contrapartida, 23,53% (n=16) não souberam especificar (Tabela 2).

TAB. 2 - Etiologia dos TEA referida pelos estudantes, Brasília/DF, 2018.

Etiologia	(n)	%
Multifatoriais e complexas	35	53,85

Não souberam especificar	16	24,62
De natureza especificamente neurobiológica	7	10,76
Nas relações afetivas e parentais	4	6,15
De origem estritamente genética	3	4,62

Em consonância à origem etiológica dos TEAs, 80% (n=52) dos estudantes responderam que o processo diagnóstico deve ser realizado preferencialmente pela equipe multidisciplinar e 12,30% (n=8) não souberam especificar, e outros ainda referiram profissionais específicos (Tabela 3).

TAB. 3 - Profissionais ideais para realizar o processo diagnóstico dos transtornos autísticos, Brasília/DF, 2018.

Profissionais	(n)	%
Equipe Multidisciplinar	52	80
Não souberam especificar	8	12,30
Psiquiatra	2	3,08
Psicólogo	2	3,08
Neurologista	1	1,54

A respeito da sintomatologia dos TEA, os participantes poderiam assinalar até três das oito opções dispostas no item do questionário, o que totalizou 184 marcações. As respostas mais frequentes foram “dificuldades nas interações sociais” com 32,06% (n=59) de marcações, seguida de “comprometimento na comunicação e uso da linguagem verbal e não-verbal” com 27,17% (n=50), e “altas habilidades cognitivas” com 14,68% (n=27) das respostas (Tabela 4).

TAB. 4 - Distribuição da sintomatologia dos TEA referida pelos estudantes, Brasília/DF, 2018.

Sintomas	(n)	%
Dificuldades nas interações sociais	59	32,06
Comprometimento na comunicação e uso da linguagem verbal e não-verbal	50	27,17
Altas habilidades cognitivas	27	14,68

Hiperatividade	21	11,41
Comportamentos e interesses restritos e estereotipados	16	8,70
Alterações motoras/musculoesqueléticas	6	3,27
Não souberam especificar	3	1,63
Crises convulsivas	2	1,08

No que tange ao tratamento, 93,85% (n=61) dos estudantes responderam que no tratamento a pessoas com TEA é recomendável que a escolha entre as diversas abordagens existentes considere aspectos como efetividade e segurança, de acordo com a singularidade de cada caso, enquanto que 6,15% (n=4) não souberam especificar. Além disso, na questão referente à manifestação do autismo poder se dar de modo peculiar em uma mesma pessoa e/ou entre pessoas diferentes, 83,07% (n=54) dos participantes marcaram que sim, 15,38% (n=10) marcaram que não sabiam especificar, enquanto 1,53% (n=1) marcou que não.

Ainda sobre o tratamento, 50,77% (n=33) dos estudantes não souberam responder se o uso de psicofármacos desenvolvidos especificamente para o TEA é um dos recursos terapêuticos utilizados. Por sua vez, 12,30% (n=8) dos participantes acreditam no uso de medicamentos específicos para o TEA como recurso terapêutico essencial do tratamento e 36,93% (n=24), assinalaram a opção “não”.

Quanto ao atendimento, 70,77% (n=46) referiu que o atendimento a pessoas com TEA e suas famílias, no âmbito das Redes de Atenção à Saúde, pode contemplar desde Unidades Básicas de Saúde, Ambulatórios, Centros Especializados em Reabilitação, Centros de Atenção Psicossocial a Unidades de Pronto Atendimento, serviços nos quais enfermeiros e enfermeiras estão inseridos. Ainda, 26,15% (n=17) não souberam especificar, e apenas 3,08% (n=2) informaram que o atendimento a pessoa com TEA não abrange esses tipos de serviços.

Na questão sobre a intersetorialidade no desenvolvimento das políticas serem diretrizes que norteiam a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, 64,61% (n=42), afirmaram não saber especificar, enquanto 33,85% (n=22), disseram que sim, e 1,54% (n=1) disse que não.

Todos os participantes afirmaram não ter adquirido conhecimento suficiente referente ao cuidado a pessoas com TEA durante a graduação e consideraram ser importante abordar esta temática durante a formação no curso de enfermagem. Apesar disso, 92,30% (n=60)

nunca participou de cursos, palestras e/ou seminários sobre o tema de TEA realizados por outras instituições, além da Universidade em que estudam.

Ao perguntar se eles se sentiam seguros para atuar com essa população nos diferentes contextos da saúde, 92,30% (n=60) informaram não se sentir seguros, enquanto 7,7% (n=5) afirmaram ter segurança para atuar com essa população. As justificativas descritas pelos estudantes estão elencadas na tabela 5.

TAB. 5 - Relação das justificativas sobre segurança para atuar com pessoas com TEA, Brasília/DF, 2018.

Justificativa	(n)	%
NÃO:		
Falta de Conhecimento	44	67,70
Não justificaram	10	15,38
Receio	4	6,15
Inexperiência	2	3,08
SIM:		
Proatividade em adquirir conhecimento	3	4,61
Experiência	1	1,54
Confiança	1	1,54

Quando questionados se gostariam de saber mais a respeito do TEA, 98,46% (n=64) dos estudantes informaram que sim. Também foi perguntado aos participantes se consideravam o TEA um tema importante a ser abordado e que justificassem o porquê das respostas. Os principais motivos alegados pelos participantes foram: ser um tema que requer conhecimento específico e qualificação distinta para prestar cuidados, além da prevalência, que julgam ser significativa.

5. DISCUSSÃO

Na caracterização dos participantes da pesquisa observou-se predominância do sexo feminino, mais de 90% da amostra, o que reflete o fato da enfermagem ser uma profissão predominantemente feminina, que traz consigo, desde os primórdios, a segregação sexual do trabalho e questões de gênero, enquadrando o cuidar como uma ação de estereótipo feminino.¹¹

A internet foi a principal fonte de informação referida pelos estudantes para aquisição de conhecimentos sobre os transtornos autísticos, seguida de TV, filmes, séries e redes sociais. De fato, a internet tornou-se uma das mais importantes fontes de informação de saúde nos dias atuais pela grande disponibilidade e facilidade de acesso aos conteúdos online.¹² Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2016, a população que mais utilizou a internet foi a estudantil (81,2%), e, dentre as finalidades de acesso à internet, assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, foi a segunda mais apontada (76,4%), perfil também retratado nesse estudo.¹³

É incontestável a contribuição de vídeos, filmes e séries na propagação da temática em relação ao TEA, porém há controvérsias a respeito da veiculação de informações por esses meios de comunicação, pois ao passo em que contribuem para a sensibilização e conscientização a respeito do TEA, por vezes, fortalecem ainda mais estereótipos e estigmas.¹⁴

As representações dos transtornos autísticos na tela tem potencial valor educativo, por representar os critérios de diagnóstico do transtorno, porém à medida que contribui para a propagação da temática, as representações individuais podem expor uma realidade altamente enganadora, pois é impossível representar em um único personagem a heterogeneidade da experiência autista, pois verifica-se que em alguns filmes e séries, o personagem autista dispensa qualquer particularidade, tornando-se um tipo “ideal autista”, não se considerando a subjetividade e singularidade de cada pessoa.¹⁵

A maioria dos participantes soube identificar o TEA como um transtorno de origem heterogênea e complexa, modelo etiológico mais aceito, pois ainda que a maioria das causas sejam indefinidas, o modelo que melhor explica cerca de 80% de indivíduos com TEA é o modelo multifatorial com regulação epistática.¹⁶

Destaca-se que 7,35% dos participantes ainda relacionaram a etiologia do TEA à alteração nas relações afetivas e parentais, o que reflete uma crença antiga que se perpetua ainda nos dias de hoje. Nas décadas de 40 e 50, o psiquiatra austríaco Kanner acreditava que a etiologia do autismo consistia em problemas de interação da relação entre a criança e os pais. Não somente Kanner, mas várias outras teorias de inspiração psicanalítica culpavam os pais, principalmente as mães, as chamadas “mães geladeiras”, por não saberem ser afetivas com seus filhos.¹⁷

Por se tratar de alterações multifatoriais e complexas é necessário que o diagnóstico seja realizado por equipe multidisciplinar, uma vez que envolve avaliação de diversas dimensões a ser realizada por diferentes especialidades.¹⁸

Em consonância com a literatura, a maior parte dos estudantes, 80%, assinalou que o processo diagnóstico deve ser realizado por equipe multidisciplinar constituída por psiquiatras, enfermeiros, pediatras, psicólogos clínicos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros. O papel mais importante da enfermagem frente ao autismo numa equipe multiprofissional compreende a identificação de sinais precoces, ações de educação em saúde e aconselhamento adequado às famílias em prol de um cuidado integral frente às fragilidades, dificuldades e sofrimentos da pessoa com TEA e sua família.^{19,8}

Em relação à sintomatologia, “dificuldades nas interações sociais”, “comprometimento na comunicação e uso da linguagem verbal e não-verbal” e “altas habilidades cognitivas” foram as principais alterações referidas pelos participantes. As duas primeiras respostas condizem com a tríade de comprometimentos do autismo, caracterizada por alterações qualitativas nos domínios de interação social, comunicação e comportamento.²⁰

A grande quantidade de marcações da opção “altas habilidades cognitivas” não condiz com a realidade, já que aproximadamente 70% dos indivíduos com autismo apresentam déficit cognitivo.²⁰ Apesar disso, as altas habilidades cognitivas são características recorrentemente associadas ao TEA e super-representadas em diversas séries e filmes, também conhecida como Síndrome de Savant manifesta por notáveis habilidades em uma determinada área - ilha de genialidade -, que contrastam com o funcionamento geral do TEA.²¹

Estudos que abordam a representação dos TEA em filmes e TVs apontam que a prevalência de habilidades de Savant representadas na mídia foi de 12 dos 26 personagens (46%), sendo uma estimativa superior à da população real, já que está associada a apenas 10% dos indivíduos com TEA.^{22,21} A inclusão das habilidades de Savant na TV e cinema dão valor ao personagem dentro da narrativa dramática, porém representam uma imagem equivocada a respeito do TEA ao generalizar uma exceção refletida no presente estudo pelo alto índice de escolhas da alternativa de “altas habilidades” como sintomatologia principal do TEA, ainda mais considerando-se que TV, filmes e séries foram uma das fontes de informações mais referidas pelos participantes.

Quanto ao tratamento, não há um método ideal para tratamento dos TEA, pois deve-se considerar as especificidades de cada caso, conforme referido por mais de 93% dos estudantes, de forma a adotar-se uma abordagem e/ou a combinação de diferentes tecnologias de cuidado à pessoa com TEA como tratamento clínico embasado na psicanálise, tecnologias de abordagem comportamental como o *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children* (TEACCH), métodos de comunicação suplementar e alternativa, recursos terapêuticos complementares, a exemplo da musicoterapia, e o tratamento medicamentoso.^{23,24} Em relação a este último, verificou-se que mais de 50% dos estudantes não souberam responder se existia medicamento específico para o tratamento de TEA.

Após diagnosticado e determinado o grau do TEA, verifica-se se há a necessidade da intervenção medicamentosa para controlar o quadro de sintomas, em especial problemas comportamentais graves. Algumas das classes farmacológicas mais utilizadas são os antipsicóticos atípicos, com destaque para a Risperidona, além dos inibidores seletivos da recaptação de serotonina, antidepressivos, estabilizadores de humor e anticonvulsivantes.²⁵ Estes não atuam diretamente na causa do TEA, pois o mesmo é de etiologia multifatorial, mas auxiliam no controle das desordens comportamentais, melhorando a qualidade de vida e promovendo um melhor convívio social.²⁵

Independentemente da abordagem ou tecnologia adotada no atendimento à pessoa com TEA e sua família, para garantir um cuidado integral, espera-se que este seja realizado em Redes de Atenção à Saúde (RAS), constituídas pela articulação de serviços no âmbito da atenção básica, especializada e hospitalar, bem como de serviços intersetoriais, a exemplo, da justiça, educação e cultura de forma a construir um cuidado compartilhado entre esses diversos pontos de atenção e profissionais de diferentes áreas de formação²³, e assim, contemplar a pluralidade e a complexidade de cada sujeito com TEA e sua família, o que foi reconhecido por 70% dos participantes desse estudo.

Em oposição a isso, mais de 60% dos estudantes não souberam responder se a intersetorialidade é uma diretriz que norteia o atendimento à pessoa com TEA e o desenvolvimento de políticas, a exemplo da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, instituída no ano de 2012. Estranha-se esse desconhecimento dos participantes, uma vez que a intersetorialidade não é uma diretriz restrita a políticas voltadas a pessoas com TEA, pelo contrário, é uma diretriz transversal a

diversas políticas de saúde e redes de atenção à saúde como a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e a Rede de Cuidado à Pessoa com Deficiência. A intersetorialidade tem por objetivo sobrepujar a fragmentação das diversas áreas de atuação social, permitindo o diálogo entre instituições, governos e pessoas, auxiliando na formulação de políticas públicas que causem um impacto positivo na saúde da população.²⁶

Todos os participantes afirmaram não ter adquirido conhecimento suficiente na graduação e mais de 90% afirmaram não ter segurança para atuar com essa população nos diversos contextos da saúde, sendo que desses, 67,70% alegaram a falta de conhecimento como o motivo principal para este sentimento de insegurança frente ao cuidado da pessoa com TEA. Estas evidências estão em consonância com outras pesquisas realizadas com estudantes de graduação de outros cursos da área da saúde. Uma pesquisa realizada com estudantes de psicologia mostrou que 62,4% dos estudantes da pesquisa avaliaram seu conhecimento sobre TEA como insuficiente.²⁷

Outro estudo realizado com estudantes de Educação Física verificou que 62,5% desconhecem o termo TEA e 79,4% dos estudantes afirmaram não ter tido nenhum conteúdo sobre TEA na graduação.²⁸ Já uma pesquisa realizada com estudantes de Medicina demonstrou um alarmante desconhecimento dos estudantes sobre o tema, em que a média de acertos das 10 questões que compunham o questionário aplicado foi de 2,38 para alunos do primeiro ano e de 2,62 nos alunos do sexto ano.²⁹

A partir disso pode-se verificar que esse déficit de conhecimento sobre o TEA não ocorre somente na Enfermagem, mas também em outros cursos, como Educação Física, Psicologia e Medicina, o que nos leva a questionar se os cursos de graduação, em geral, tratam o TEA como uma temática relevante a ser abordada ainda no contexto de formação dos profissionais de saúde. Outro ponto importante a se destacar é que esse déficit não está presente somente na graduação, mas também é prevalente na população graduada, o que nos remete que, mesmo após formados, estes, em sua maioria, não buscam aprimorar-se na área. Um estudo realizado com profissionais de Enfermagem mostrou que somente 10% dos entrevistados conheciam os sinais precoces do TEA, demonstrando um conhecimento insuficiente.⁹

Do total, 98,46% dos participantes afirmaram querer saber mais sobre a temática, entretanto, apenas 7,69% participaram de algum curso ou palestra sobre TEA. Percebe-se certa divergência, pois os mesmos expressam desejo em conhecer mais sobre o tema, porém

não buscam esse conhecimento, o que pode ser observado em um estudo realizado com fisioterapeutas graduados, no qual apenas 20% dos entrevistados referiram ter buscado novas informações sobre o TEA.³⁰

Todos os participantes consideraram o TEA um tema importante a ser abordado na graduação, alegando ser um tema que requer conhecimento específico, por isso precisam conhecer mais sobre a temática para que, assim, estejam aptos a atuar com essa população; pela necessidade de qualificação distinta, pois é necessário saber lidar com cada situação apresentada pela pessoa com TEA e devido à prevalência que julgam ser significativa, pois há a possibilidade de encontrar pessoas com transtornos autísticos em qualquer âmbito da assistência à saúde, uma vez que o atendimento à pessoas com TEA deve ocorrer em qualquer Rede de Atenção à Saúde, pois a assistência engloba desde Unidades Básicas de Saúde à Unidades de Pronto Atendimento, o que demonstra a integralidade dos serviços de saúde, ampliando os locais de assistência.

Em suma, os resultados desta pesquisa apontam que os estudantes de enfermagem possuem conhecimento razoável sobre os transtornos autísticos, o qual apresenta ainda fragilidades importantes. Para tal, é relevante implementar algumas estratégias para abordar essa temática ainda na graduação como o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), já que os meios de comunicação foram referidos como a principal fonte de conhecimento dos participantes.

Além disso, apesar dos muitos filmes que retratam personagens com TEA não fazerem jus à riqueza da experiência real de uma pessoa com transtornos autísticos, tendo em vista a heterogeneidade dessa condição, a combinação de filmes e séries de TV, juntamente com orientação de profissionais especialistas, podem compor um exemplo atrativo de estratégia educacional nas áreas de saúde.²²

Outra forma de abordagem é o uso de simulação do cuidado à pessoa com TEA para auxiliar na aquisição da segurança e de experiência durante a assistência, que consiste na utilização de técnicas e produtos como manequins estáticos, simuladores de alta fidelidade, jogos, programas virtuais ou computadorizados e role-play ativo.

O uso do role-play ativo, em especial, é uma estratégia eficaz de ensino e aprendizagem que incentiva a tomada de decisão, resolução de problemas, pensamento crítico, autorreflexão e gestão de tempo. Exemplo disso foi um estudo realizado na

Universidade de *Midwestern* com simulação de cuidado a um adolescente com TEA, no qual 96% dos estudantes de enfermagem afirmaram que o método forneceu um exemplo realista do que esperar ao cuidar de um indivíduo com TEA, uma vez que a oportunidade de participar da simulação, antes do encontro real com o paciente, conferiu-lhes uma grande experiência de aprendizagem e maior segurança para atuar com essa população.⁵

O presente estudo contribuiu para evidenciar o conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os TEA e refletir sobre a importância de abordar os Transtornos Autísticos ainda no contexto da graduação, além de incentivar a realização de estudos nessa área, considerando potencialidades e fragilidades identificadas no conhecimento dos estudantes.

Apesar disso o estudo apresenta algumas limitações, a saber: ter sido realizado em apenas uma Instituição de Ensino Superior; ser baseado em amostra de tamanho reduzido; e ter utilizado um questionário de coleta de dados desenvolvido pela própria equipe de pesquisa, uma vez que se carece ainda de instrumentos de pesquisas para avaliar conhecimento sobre TEA, que dos poucos existentes²⁹, não foram ainda validados no Brasil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre os Transtornos do Espectro do Autismo é algo fundamental na formação de futuros profissionais de enfermagem, pois por meio desse conhecimento os profissionais de enfermagem terão segurança para atuar com essas pessoas nos diversos âmbitos de atenção à saúde.

Neste estudo observou-se que os estudantes de enfermagem apresentam um conhecimento razoável e fragilidades importantes em relação aos TEA, principalmente quanto a alguns dos sintomas, etiologia e tratamento. Contudo, no decorrer da pesquisa foi possível notar que os estudantes obtiveram algumas informações por meio da mídia e meios de comunicação, o que torna o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação uma importante aliada e ferramenta de ensino.

É importante abordar os Transtornos do Espectro do Autismo ainda na graduação, levando em consideração sua prevalência e complexidade para que assim os estudantes de enfermagem, futuros profissionais, tenham mais segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências a essa população.

7. REFERÊNCIAS

1. Paula CS, Ribeiro SH, Fombonne E, Mercadante MT. Brief Report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A Pilot Study. *J Autism Dev Disord*. Feb 2011; 41(12): 1738-42.
2. OMS. Trastornos del espectro autista. Centro de Prensa, nota descriptiva, 2017.
3. Rios C, et al. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. *Interface (Botucatu)* 2015; 19(53):325-35.
4. Ramos J. Perturbações do Espectro do Autismo no Adulto e suas comorbilidades psiquiátricas. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. PsiLogos*. Dez 2012; 10(2): 09-23.
5. McIntosh CE, Thomas CM, Wilczynski S, McIntosh DE. Increasing Nursing Students' Knowledge of Autism Spectrum Disorder by Using a Standardized Patient. *Nursing Education Perspectives* Jan-fev 2018; 39(1): 32-34.
6. Sena RCF, Reinalde EM, Silva GWS, Sobreira MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *R de Pesq: cuidado é fundamental*. Jul-set 2015; 7(3): 2707-16.
7. Dartora DD, Mendieta MC, Franchini B. A equipe de Enfermagem e as crianças autistas. *J Nurs Health*. 2014; 4(1): 27-38.
8. Carniel EL, Saldanha LB, Fensterseifer LM. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. *Pediatria (São Paulo)*. Out-dez 2010; 32(4): 255-60.
9. Nunes SC, Souza TZ, Giunco CT. Autismo: conhecimento da equipe de Enfermagem. *Cuidarte Enfermagem*. Jul-dez 2009; 3(2): 134-141.
10. Brasil. Consituição (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. p. 59.
11. Souza LL, Araújo DB, Silva DS, Bêrredo VCM. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. *Ciências & Cognição* 2014; 19(2): 218-232.
12. Cronemberger EV. O uso da internet como fonte de informação sobre cirurgia plástica na Bahia, Brasil. *Rev Bras Cir Plást*. 2012; 27(4):531-5.
13. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016 – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD).
14. Hansen AN, Tøndevold M, Fletcher-Watson S. Mental health on screen: A DSM-5 dissection of portrayals of autism spectrum disorders in film and TV. *Psychiatry Research* 2017; 262: 351-53.
15. Lacerda L. Luz, câmera, estereótipo – ação! A representação do autismo nas séries de TV. *Revista Espaço Acadêmico*. Jun 2017; 17(193): 13-22.
16. Zanolla TA, et al. Causas genéticas, epigenéticas e ambientais do Transtorno do Espectro Autista. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*. São Paulo 2015; 15(2): 29-42, 2015.

17. Martins CP. Face a face com o autismo: será a inclusão um mito ou uma realidade? Dissertação de mestrado, julho 2012.
18. Paz CAV. Avaliação multidisciplinar no espectro autista. Fev, 2017.
19. Ebert M, Lorenzini E, Silva EF. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. Rev Gaúcha Enferm. mar 2015; 36(1): 49-55.
20. Freitas PM, Nishiyama PB, Ribeiro DO, Freitas LM. Deficiência intelectual e o Transtorno do Espectro Autista: fatores genéticos e neurocognitivos. Bahia, 2016; 8(2): 1-11.
21. Ries IL. Grupos virtuais sobre autismo: aspectos culturais e as configurações comunicativas construídas por dispositivos interacionais. Dez 2017; 13(12): 146-63.
22. Hansen NA, Øien RA, Fletcher-Watson S. Pros and Cons of Character Portrayals of Autism on TV and Film. Springer Science+Business Media, LLC, part of Springer Nature 2017.
23. Oliveira BDC, Feldman A, Couto MCV, Lima RC. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2017; 27(3): 707-726, 2017.
24. Onzi FZ, Gomes RF. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. Caderno pedagógico, Lajeado, 2015; 12(3): 188-199.
25. Leite R, Meirelles LMA, Milhomem DB. Medicamentos usados no tratamento psicoterapêutico de crianças autistas em Teresina – PI. Boletim Informativo Geum, jul./set. 2015; 6(3): 91-97.
26. Olschowsky A, Wetzel C, Schneider JF, Pinho LB, Camatta MW. Avaliação das parcerias intersetoriais em saúde mental na estratégia saúde da família. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2014 Jul-Set; 23(3): 591-9.
27. Paula CS. Estudantes de psicologia concluem a graduação com uma boa formação em autismo? Revista Psicologia: Teoria e Prática. São Paulo, jan-abr 2016; 17(3), 206-221.
28. Penido LA, et al. Conhecimento de graduados e graduandos em Educação Física sobre o Autismo. Revista da Sobama, Marília. Jul-dez 2016; 17(2): 37-42.
29. Muller C. Conhecimento dos estudantes de medicina acerca do autismo em uma universidade do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, RS – 2012. 72p.
30. Segura DC, Nascimento FC, Klein D. Estudo do conhecimento clínico dos profissionais da fisioterapia no tratamento de crianças autistas. Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR, Umuarama, mai-ago 2011; 15(2): 159-16.

